COMISSÃO PARA OS DIREITOS DO POVO MAUBERE *

INFORMAÇÃO

TIMOR-LESTE

PERIODICIDADE MENSAL PREÇO AVULSO: 25$00 ANO V Nº 46 NOVEMBRO 1989

D.Ximenes Belo: firmeza, apesar de muitas pressões

O Bispo Ximenes Belo tem sido uma figura de referência fundamental na questão de Timor-Leste, sobretudo desde que enviou uma carta ao Secretário-Geral da ONU, apelando para a organização de um referendum.

Imediatamente antes e depois da visita de João Paulo II à Diocese de Dili respondeu com a clareza possível às questões dos jornalistas. E mantém-se firme na defesa de todos os direitos que assistem ao povo de Timor-Leste.

A iniciativa de escrever a Perez de Cuellar (do qual D. Ximenes Belo não recebeu ainda qualquer resposta) provocou reacções contraditórias. As autoridades indonésias e o representante do Vaticano em Jacarta, Mons.Canalini, ficaram profundamente descontentes e tentaram minimizar o alcance do gesto, dizendo que o bispo o tinha feito exclusivamente em nome pessoal. Mas o clero de Timor-Leste enviou para o exterior uma carta de apoio a D. Ximenes Belo e a população do território manifestou-lhe publicamente, mais do que uma vez, o seu apreço.

Num documento enviado de Dili e datado de 27 de Julho último, pode ler-se: **«Os agentes secretos indonésios em Timor-Leste continuam a envidar os esforços para conseguirem obter a identificação do cristão que foi o primeiro a bater as palmas durante a cerimónia do "Corpo de Deus" presidida pelo Bispo em Lecidere (Dili), no passado dia 28 de Maio. Os vivas e os saltos de alegria seguiram-se ao esclarecimento sobre a carta endereçada ao Secretário-Geral da ONU feito por D. Carlos Belo.»**

PARTILHAR OS SOFRIMENTOS DO POVO

A visita do Papa deve ter constituído para o Administrador Apostólico de Dili uma dura prova. Sabendo, desde o dia em que anunciou o acontecimento previsto aos seus fiéis, como a decisão de João Paulo II entristecia todos os corações (amamos o Santo Padre, disseram os timorenses, mas queremos acolhê-lo num Timor-Leste livre), a sua missão impunha-lhe que tentasse quebrar estas resistências, apesar de ele próprio ter sido completamente ultrapassado quanto à decisão e preparação da visita papal.

Nas vésperas da chegada de João Paulo II, D. Ximenes Belo dizia à imprensa internacional que os timorenses continuavam a recear a instrumentalização da visita e as represálias que poderiam seguir-se se eles ousassem demonstrar a sua verdadeira Fé. E partilhando ele próprio os mesmos receios, chega a declarar à agência noticiosa ADNK: **«se a visita do Papa contribuir para defender a integração de Timor-Leste na Indonésia, é melhor que essa visita não se realize».**

No próprio dia da chegada do Papa, o Bispo foi muito claro quanto às suas preocupações e à posição que tem vindo a defender, ao ser entrevistado pelo jornal francês **Ouest France**. Ao responder à pergunta **«É verdade que o Vaticano o repreendeu pela sua carta às Nações Unidas?»**, disse: **«Sim. Não temos o mesmo ponto de vista. Se estivesse em Roma, talvez pensasse o mesmo que eles. Mas vivo aqui. Vejo os sofrimentos das pessoas e partilho-os. Era meu dever de pastor escrever essa carta.»**

ESTA SITUAÇÃO TEM DE MUDAR

Dois dias depois da visita de João Paulo II, o Administrador Apostólico de Dili é entrevistado por um semanário indonésio, o **Editor**. O mesmo que, na sua edição de 21 de Outubro escrevia que **«investigações preliminares conduzidas pela polícia local mostram que a manifestação** [no final da missa celebrada pelo Papa] **tinha sido organizada pelo Padre Locatelli»**. Esta acusação foi prontamente desmentida por D. Ximenes Belo, logo que o boato, espalhado pelas autoridades indonésias, começou a correr em Dili.

Mantendo-se firme nas suas posições, apesar de o jornalista (indonésio) o confrontar com perguntas bastante directas e delicadas, o Bispo confirmou a sua determinação em defender os direitos do povo timorense e firmou a sua credibilidade. Transcrevemos excertos da mesma.

«A situação actualmente é pacífica?»

«A vida aqui tem altos e baixos. Penso que a visita do Papa foi um acontecimento importante que será uma fonte de inspiração para a população de Timor-Leste.»

«Que pensa de Timor-Leste no momento actual?»

«O problema de Timor-Leste continua em aberto nos fora

NESTE NÚMERO:
- Ximenes Belo: firmeza
- Indonésia: irritação e mal-estar
- Manifestação pró-independência
- Cartas de Xanana Gusmão

internacionais. A Fretilin ainda existe. Devemos contribuir com as nossas ideias para a solução deste problema. Eu dei a minha mas não foi aceite. OK. Esperamos que aqueles que a não aceitaram sugiram outro caminho de modo a que as coisas aqui se acalmem e a questão se resolva tão rapidamente quanto possível.»

«As coisas aqui não estão, na verdade, calmas?»

«Vocês vivem em Jacarta, nós vivemos em Timor-Leste. Nós aqui sabemos do que falam as pessoas, conhecemos as suas queixas sobre o que não está ainda a andar correctamente. Queremos resolver estas coisas de modo a que a situação em Timor-Leste se acalme, para criar um clima de calma e de paz. Para que os da Intel [serviços de segurança indonésios] não estejam sempre à escuta e a seguir as pessoas.»

«Isso é mesmo assim?»

«A opinião das pessoas aqui é diferente. Esta situação tem que mudar. Não podemos continuar a viver numa atmosfera de tensão. As coisas têm de mudar: a população quer poder movimentar-se à vontade, pensar livremente.»

«O que tem feito a Igreja?»

«Tem dado a sua contribuição de acordo com a sua visão. É possível procurar uma solução perguntando à população. Um referendum. Se alguns têm medo de um referendum, então que digam porquê. Tem que haver consultas para que a vontade da comunidade seja conhecida.»

«Porque enviou uma carta para a ONU?»

«Em primeiro lugar, os jornalistas não sabem nada dos antecedentes. Não conhecem o conteúdo da carta mas falam como se o Bispo Belo fosse contra o governo indonésio. Não sou anti-indonésio. Em substância, a carta apenas pretende melhorar a situação. Se isto [o referendum] é uma possibilidade, porque não estudá-la em vez de simplesmente rejeitá-la? OK, então procuraremos outro caminho. (...)»

«Um outro assunto. Não é possível Timor-Leste ser incluído na Igreja indonésia?»

«Isso não é um assunto que possa ser resolvido rapidamente. Se a diocese A vai ser incorporada noutra Conferência Episcopal, deve haver primeiro consultas entre o Vaticano e a diocese de Dili e entre o KWI [Conferência Episcopal Indonésia] e Dili. Coisas como esta não podem ser resolvidas rapidamente. Até agora, não houve nenhumas consultas sobre isto e a razão é que Timor-Leste está ainda em discussão nas Nações Unidas.. De qualquer modo, isto é um assunto para o Vaticano. O Papa é o nosso dirigente máximo.»

«Na sua opinião, seria melhor a incorporação, ou não? Existem considerações de ordem política?»

«Claro, é sempre bom haver cooperação entre os bispos. É uma consequência dos tempos ter cooperação a nível regional e internacional. Mesmo assim, da minha experiência dos encontros dos bispos, tenho a impressão que alguns colegas odeiam-nos. Considerações de ordem política? A política decidirá se devemos, ou não, ser incorporados. Devemos, assim, começar pelo ponto de vista político (rindo).»

«Neste contexto, será que a questão de Timor-Leste deveria ser discutida de novo?»

«É muito bom discuti-la. Muitas pessoas em Jacarta discutiram o problema da abertura, porque não nós aqui? Não diz a democracia do Pancasila [ideologia oficial do Estado indonésio] que deve haver consensos, então porque não há um processo de consenso aqui?»

«Porque não foi a missa papal traduzida em indonésio?»

«Foi uma visita pastoral, a visita do pastor ao seu rebanho. Além disto, queremos desenvolver a liturgia na língua local. E há ainda considerações de ordem pastoral. 80% daqueles que assistiram não compreendem o indonésio.»

«Não é porque quer manter a distância da Igreja indonésia?»

«A Igreja tem o seu próprio carácter. Uma parte dele é a língua local. Se Java tem o seu próprio carácter javanês, porque não é isso permitido aqui?»

«Muitas das suas ideias são únicas e inaceitáveis para muita gente. Porquê?»

«Na verdade, nem sempre são aceitáveis, possivelmente isso é verdade. Mas precisamos de criar uma sociedade ou cultura que inclua as características europeia, indonésia e local.» □

Indonésia: irritação e mal-estar

A forma como a imprensa internacional cobriu a deslocação papal a Dili deixou o MNE indonésio, Ali Alatas, irritado. Esta irritação, porém, foi apenas a exteriorização do mal-estar que o problema de Timor-Leste vem semeando em Jacarta e de que um exemplo bem claro foi a entrevista concedida pelo Ministro da Defesa e Segurança, Beni Murdani, a jornalistas australianos nas vésperas da visita pontifícia.

ALATAS: «A INDONÉSIA NUNCA AFIRMOU QUE A POPULAÇÃO DE TIMOR-LESTE ESTAVA SATISFEITA»

Na entrevista que deu à Rádio Austrália em 22 do mês passado, Ali Alatas tentou reduzir os incidentes ocorridos no fim da missa papal, em Dili, a um simples distúrbio sem importância - envolvendo apenas 15 ou 20 pessoas das cerca de 100.000 que assistiam ao acto - que teria passado completamente despercebido não fora o empolamento dado pela imprensa internacional.

Na verdade, embora só 4 jornalistas estrangeiros tivessem presenciado a manifestação [ver caixa noutro local], ela mereceu o destaque generalizado dos órgãos de comunicação social de todo o mundo tendo, inclusive, relegado em muitos casos para segundo plano os demais aspectos da presença de João Paulo II em Timor-Leste. A imprensa brasileira, por exemplo, a única notícia que trouxe sobre a deslocação papal ao Extremo-Oriente foi a da manifestação, apresentada sob o título: **«Pancadaria em Dili»**.

A imprensa internacional, porém, deu tanta importância àquele acontecimento porque ele era a prova-provada de um sentimento que (quase) todos os jornalistas, que na ocasião estiveram em Timor, puderam testemunhar entre a população local: a recusa da presença colonial indonésia. Conforme então publicaram o **Sydney Morning Herald** e o **The Australian**, dando voz a um timorense anónimo: **«Eles podem tratar da nossa saúde e das nossas casas mas ainda não temos liberdade. Os timorenses não esquecem e jamais perdoarão o trauma sofrido sob domínio indonésio»**.

E este sentimento é de tal modo evidente e foi de tal modo internacionalmente noticiado, que o Ministro Alatas, não sem uma ponta de irritação, foi obrigado a reconhecer publicamente que a **«Indonésia nunca afirmou que a população de Timor-Leste estava satisfeita»** e que havia ainda quem se opusesse à **«integração de Timor na Indonésia»**.

MURDANI: «ESTE POVO É MUITO ILÓGICO E IMPREVISÍVEL»

Na véspera da visita papal, enquanto esperava que João Paulo II desembarcasse em Dili - já que tinha sido ele, Ministro da Defesa e Segurança do Estado indonésio, católico fidelíssimo, crente ferveroso em N.S. de Fátima, responsável pela invasão

e genocídio em Timor-Leste, o indicado para o fazer - o gen. Murdani foi conversando com os jornalistas australianos que também esperavam pela chegada do papa.

Sem dúvida por causa da sua formação castrense, que o tornaram pouco habilitado para as subtilezas coloquiais com os profissionais da informação, Murdani tem vindo a despir a verdade do manto diáfano de fantasia com que os ideólogos e outros funcionários do regime de Jacarta pretendem cobri-la.

Já em Dezembro de 1987 (ver **Informação Timor-Leste** nº 25, Fevereiro 1988), em declarações prestadas a jornalistas do seu país, o general garantira que a Indonésia não estava em Timor para colonizar e que, para facilitar o fim da luta, era necessário explicar isso mesmo aos timorenses. Era a primeira vez, que soubéssemos, que um alto responsável daquele país associava a Resistência maubere ao carácter colonial da ocupação indonésia.

Desta vez Murdani foi mais longe, pondo ao mesmo nível o domínio português e o indonésio, ao estabelecer um paralelo entre a aceitação, por parte da população, das duas presenças estrangeiras no território. Depois de, implicitamente, concordar com os jornalistas de que os timorenses estavam a ter problemas com a sua adaptação ao domínio [«rule»] de Jacarta, o general disse: **«É injusto comparar os 400 anos de domínio português com apenas os 15 da Indonésia. Deveriam antes perguntar como se sentirá a população daqui a dez anos».**

Quanto à Resistência armada, que reconheceu, mais uma vez implicitamente, permanecer forte, disse: **«Se um dos brincalhões [«jokers»] descesse das montanhas com uma granada de mão, seria uma ocasião muito infeliz** [«a very unlucky occasion»]. **Esta gente é muito ilógica e imprevisível»** (**The Age**, 12/10/89). O general e Ministro da Defesa e Segurança admitiu igualmente que **«milhares de soldados indonésios têm morrido em Timor-Leste, enquanto a resistência armada continua no leste da província»** (**The Australian**, 12/10/89)

Questionado pelos jornalistas sobre se o preço pago pela Indonésia e pelos timorenses tinha valido a pena, respondeu: **«Sim, penso que sim. Se não tivéssemos vindo, outros o teriam feito. Um Timor-Leste fora do controlo da Indonésia seria uma ameaça potencial à segurança».** □

MANIFESTAÇÃO PRÓ-INDEPENDÊNCIA EM TIMOR-LESTE

Foi com este título que o jornalista do El Pais **que acompanhou o Papa na sua deslocação ao Oriente, noticiou os acontecimentos que culminaram a presença de João Paulo II em Dili. Francesc Valls, tal como outros três repórteres, esteve em riscos de não o poder fazer, dado o atraso na obtenção do visto, o que o obrigou a viajar fora da comitiva papal. Mas aquilo que parecia ser um factor limitativo acabou por proporcionar-lhe uma ocasião ímpar: enquanto a maioria dos jornalistas já se tinham retirado do local para regressar ao avião do Papa, Francesc Valls, com mais um colega italiano e dois australianos, pôde presenciar e testemunhar «o momento máximo» da viagem pontifícia ao Oriente.**

«O cuidado minucioso com que o Governo Indonésio preparou a visita do Papa a Dili, capital de Timor-Leste, veio ontem por água abaixo devido a uma manifestação contra a anexação desta ex-colónia portuguesa pela Indonésia que a ocupou em 1975. Os gritos por um Timor-Leste independente ecoaram em português e tetum, quando João Paulo II concluiu, com as palavras "ite missa est", a celebração eucarística da que se previa ser a etapa mais polémica da viagem que o Pontífice realiza ao sueste asiático.»

«Faltavam 15 minutos para as 14.00 (sete da manhã em Espanha) quando um grupo de 20 jovens rompeu os cordões de segurança e gritou "Viva o Papa". A polícia - armada com enormes cacetes de madeira - fê-los recuar. O Papa olhou para os jovens durante um minuto. A seguir foi mudar de roupa e foi então que a planície de Tassi-Tolu (Os Três Lagos) - encabeçada de um lado pelo altar e de outro por duas monumentais fotografias do Presidente Suharto e o Pontífice - se transformou num campo de batalha. A versão oficial era, nessa altura, que um grupo de jovens de aldeias longínquas, queriam aproximar-se de João Paulo II, conforme disse um alto funcionário do Governo de Jacarta.»

«Uma segunda vaga de manifestantes - várias centenas - chegou a uns 20 metros do altar tentando mostrar um cartaz em que, segundo parece, estaria escrito em letras vermelhas sob fundo azul a seguinte frase: "A Fretilin [Frente de Libertação de Timor-Leste] saúda o Papa". Então começaram os incidentes mais importantes. A polícia bateu com os seus enormes cacetes nos manifestantes e tentou isolá-los no fundo da planície, longe da Imprensa, que iniciou, por sua vez, a sua própria batalha com os agentes da ordem.»

«CONTRA OS FOTOGRAFOS»

«Entretanto, avolumavam-se os gritos a favor da independência de Timor. As Forças de segurança começaram a actuar a partir de então com mais contundência contra os jornalistas. Arrebataram violentamente as máquinas fotográficas a dois deles destruindo os filmes. Os manifestantes, envoltos numa grande poeira, defendiam-se atirando cadeiras e pedras contra a polícia. Milhares de pessoas - calcula-se que assistiram à missa cerca de 80.000 - fugiam da luta. O Papa acabava de falar de reconciliação e da sua homília depreendia-se um certo reconhecimento do "status quo" que Timor tem, ainda que tenha pedido respeito pelas tradições.» (...)

«As palavras do Papa ecoavam pelas montanhas de Tassi-Tolu. Por detrás delas, várias centenas de soldados impediam que os guerrilheiros da Fretilin chegassem perto do local onde se realizava a missa para organizar alguma acção de propaganda. As cerca de 80.000 pessoas, que assistiram à Eucaristia tinham sido registadas pelos cerca de 13.000 soldados que fazem a segurança da parte leste da ilha.» □

Cartas de Xanana Gusmão à diplomacia portuguesa

Nos princípios de Outubro passado o Comandante das Forças Armadas de Libertação Nacional de Timor-Leste, Xanana Gusmão, escreveu aos embaixadores portugueses acreditados em Roma e no Vaticano.

Nessas cartas, dá conta da atenção com que a Resistência timorense tem acompanhado o esforço desenvolvido, na arena internacional, pelo Presidente da República e pela diplomacia de Portugal.

CARTA AO EMBAIXADOR EM ROMA: EMPENHAMENTO DE MÁRIO SOARES «DÁ À LUTA ARMADA ESTÍMULO MORAL E POLÍTICO»

«Acabamos agora mesmo de ouvir, pela Rádio Suiça Internacional, sobre a deslocação que Sua Excelência, o Se-nhor Presidente da República, efectuou à Holanda, visita que teve como tema dominante o problema do martirizado Povo de Timor-Leste!»

«Agradeço ao Senhor Embaixador se digne fazer chegar a Sua Excelência o Senhor Presidente da República, Dr.Mário Soares, a nossa total confiança e a grande esperança do nosso Povo na pessoa de Sua Excelência.»

«O empenhamento pessoal de Sua Excelência, o Se-nhor Presidente da República, dá à Luta Armada o estímulo moral e político... que só os portugueses poderão compreender! Nós e o Povo de Timor-Leste desejamos e esperamos ansiosamente pelo regresso de Portugal!»

«Agradeço ainda ao Senhor Embaixador a melhor atenção no sentido de fazer chegar também, a Sua Excelência, ao Senhor Presidente da República, a mensagem de fé, de confiança e de gratidão dos meus companheiros de armas que, ao longo de catorze anos difíceis, suportam as maiores privações. Catorze anos ininterruptos de uma guerra desigual produzem obviamente, situações que, a contar unicamente com as nossas próprias forças, não estamos capazes de evitar! Contudo, aos '50 fugitivos' que continuamos a ser desde 1979, nunca nos faltou a determinação para morrer pela Pátria Maubere, nem nunca se apartou de nós a grande confiança na Vitória! (...).»

«O conforto moral e político que a nossa difícil resistência vem recebendo, está intimamente ligado à relação que existe entre o dever e o direito! De Portugal, o Dever que lhe está incumbido pela própria Constituição e o Direito que lhe assiste à luz do direito internacional; da nossa parte, o DEVER de morrer pela Pátria e o DIREITO de exigir a Portugal o cumprimento integral das suas responsabilidades!»

«Tudo quanto podemos dizer é que estamos cada vez mais convencidos de que, sob um empenhamento mais decidido dos órgãos de Soberania portugueses, o Povo Maubere pode acreditar verdadeiramente numa solução que venha a interpretar com fidelidade os seus profundos anseios!»

«Não queria deixar a oportunidade, Senhor Embaixador, de expressar também a nossa franca estima e sentida gratidão a todos os diplomatas portugueses dessa embaixada, nomeadamente àqueles que, em Nicósia (e presumimos que se tenham também deslocado recentemente até Belgrado - os boletins e recortes ainda não nos chegaram!), souberam actuar com descrição mas com inegável responsabilidade... e com o devido carinho para com o Povo Maubere!»

CARTA AO EMBAIXADOR NO VATICANO: «ESPERAMOS ANSIOSAMENTE PELA VINDA DA DELEGAÇÃO PARLAMENTAR»

«Do diferendo diplomático entre Lisboa e a Santa Sé quanto à visita do Santo Padre (...), que nos demonstrou, no mínimo, o descontentamento de Portugal pelo "recuo estratégico" assumido pela Santa Sé e (...) o facto de não ter podido impedir a realização da visita do Papa a Timor-Leste - habilmente aproveitada por Ali Alatas - revelou, por outro lado, que Portugal ainda tem que se empenhar muito e mais, se está resolvido a defender a causa de um Povo que vai morrendo... na esperança de ver regressar Portugal!»

«Sirvo-me ainda deste meio para solicitar ao Senhor Embaixador a boa vontade de transmitir a Sua Excelência o Senhor Ministro dos Negócios Estrangeiros, João de Deus Pinheiro, a nossa profunda gratidão pela sua FÉ de que o problema de Timor-Leste "não é uma causa perdida"!»

«Ainda em 29 do mês findo e pela BBC, tivemos conhecimento da intervenção de Sua Excelência, o Senhor Ministro, na corrente sessão da AG da ONU, e mais gratos e sensibilizados ficamos pela agora firme e decidida posição portuguesa.»

«Quanto à questão da "visita a Timor-Leste de uma Delegação Parlamentar portuguesa" abordada no seu discurso à Assembleia Geral da ONU, solicito ainda ao Senhor Embaixador os bons ofícios no sentido de informar a Sua Excelência, o Senhor Ministro, que peço que seja transmitido aos órgãos de Soberania portugueses que esperamos ansiosamente pela vinda dessa Delegação Parlamentar.»

«Desejamos afirmar, de novo, que possuímos a total certeza de que a Delegação Parlamentar Portuguesa terá, nessa visita, a soberana oportunidade de conhecer, com a objectividade que o problema de Timor-Leste requer, a VERDADE DA SITUAÇÃO!»

«O Povo Maubere espera pelos Portugueses! O Povo de Timor-Leste confia em Portugal, nos seus governantes e no Povo Português!» □

Director: António Pinto Pereira **Proprietário:** Comissão para os Direitos do Povo Maubere
Sede: R. Pinheiro Chagas, 77-2ºE-1000 Lisboa, Tel: 574718
Produção: João Escadinha **Impressão:** Grafis, Coop. de Artes Gráficas **Tiragem:** 1000 ex. **Assinatura anual:** 400$00
Registo DGCS nº 112094 Dep. Leg. nº 25317